

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1



O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

*Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1*

UnB.FUTURO

O FUTURO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A SOCIEDADE

Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

Cristovam Buarque
Mozart Neves Ramos
Lauro Morhy
Paulo Speller
Adib Jatene
Naomar de Almeida Filho
Edward Madureira Brasil
Pascal Smet
Alvaro Toubes Prata

Jaime Martins de Santana, Isaac Roitman e Fernando Oliveira Paulino
(Organizadores)
Prefácio de Ivan Camargo

Comissão UnB.Futuro

Integrantes: Adalgisa do Rosário, Aldo Paviani, Daniele Perdomo, Ellen Fensterseifer Woortmann, Fernanda Sobral, Fernando Oliveira Paulino, Fernando Molina, Geralda Dias Aparecida, Isaac Roitman, Jaime Santana, José Carlos Coutinho, Luis Humberto Miranda Martins Pereira, Marcos Formiga, Neuza Meller e Vladimir Carvalho.

Capa Cris Nascimento
Diagramação Cris Nascimento
Apoio Universidade de Brasília



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UnB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro – Faculdade de Comunicação, Brasília - DF,
CEP: 70910-900, BRASIL

Telefone: +55 61 3107-6627

E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças
(UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofoletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Covi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla
(Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

Catálogo na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica

CDU: 378

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade. Sessões da Comissão UnB.Futuro /
Organização: Jaime Martins de Santana; Isaac Roitman; Fernando Oliveira Paulino – 1. ed.
– Brasília: FAC-UnB, 2016.

148p.; 23cm

ISBN 978-85-93078-08-8

1. Educação superior. 2. Universidade de Brasília. I. Título. II. Tema.

CDD: 353.8

CDU: 378

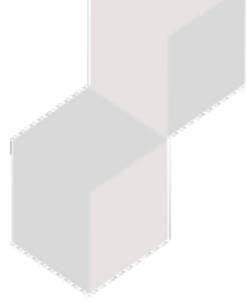
DIREITOS DESTA EDIÇÃO CEDIDOS PARA A FAC-UnB. Permitida a reprodução total ou
parcial, por qualquer meio desde que citada a fonte.

Sumário

Prefácio	11
<i>UnB.Futuro: espaço para reflexão e formação</i> Ivan Camargo	
Introdução	13
<i>A Comissão UnB.Futuro: diálogo entre universidade e sociedade</i> Jaime Martins de Santana; Isaac Roitman; Fernando Oliveira Paulino	
Capítulo 1	19
<i>O que é necessário fazer para que a universidade seja vanguarda no pensamento contemporâneo?</i> Cristovam Buarque	
Capítulo 2	29
<i>O Brasil que queremos e a universidade que precisamos</i> Mozart Neves Ramos	
Capítulo 3	39
<i>Autonomia universitária</i> Lauro Morhy Paulo Speller	

Capítulo 4	61
<i>A universidade e o futuro da Medicina</i>	
Adib Jatene	
Capítulo 5	75
<i>Anísio Teixeira e a nova Universidade Nova</i>	
Naomar de Almeida Filho	
Capítulo 6	111
<i>As universidades federais e o desenvolvimento do país: potencialidades e fatores limitantes</i>	
Edward Madureira Brasil	
Capítulo 7	23
<i>Internacionalização da universidade</i>	
Pascal Smet	
Capítulo 8	135
<i>A Inovação na universidade do século XXI</i>	
Alvaro Toubes Prata	

CAPÍTULO 1



O que é necessário fazer para que a universidade seja vanguarda no pensamento contemporâneo?⁵

Cristovam Buarque⁶

A Síndrome dos Conventos

A crise que a universidade vive é mais profunda do que a falta de recursos. Vivemos uma crise do conceito de universidade.

A universidade é produto da falência dos conventos como geradores de saber. Mil anos atrás, o conhecimento dos conventos entrou em crise quando o Ocidente começou a descobrir os textos clássicos que se chocavam com os textos teológicos, que amarravam o pensamento. Esses textos greco-romanos chegaram através dos árabes e dos judeus e os conventos não conseguiram adotá-los. Foi então que começou a surgir o que passou a se chamar universidade.

Isso deve servir como lição: se não formos capazes de entender

⁵ Sessão realizada em 06/05/2013, no Auditório da Reitoria da Universidade de Brasília.

⁶ Senador da República e ex-reitor da Universidade de Brasília.

que mil anos depois uma crise profunda ameaça a universidade, e que podemos nos transformar nos conventos do século XXI e surgirão outras entidades de geração de saber vanguardista, seremos superados, perdendo a função milenar de geradores do conhecimento superior. De certa maneira, já estamos sendo substituídos aos poucos por outras entidades. Algo novo está surgindo fora da universidade, como local de pensar, de fazer avançar o conhecimento. As universidades corporativas, os cursos a distância que a universidade muitas vezes recusa, os institutos de pesquisas dentro de empresas, certas ONGs de reflexão foram surgindo nas últimas décadas. Se não entendermos isso não vamos encontrar um novo rumo, abriremos mão da oportunidade de nos transformarmos outra vez no centro onde as ideias do futuro são pensadas.

Suponho que três razões fundamentais provocam essa crise:

A primeira é a velocidade com que o conhecimento avança fora do *campus*, de forma mais rápida do que dentro da universidade. A universidade fica para trás porque o conhecimento está sendo criado, em diversos lugares, mais rapidamente do que dentro da universidade.

Segundo, porque o conhecimento se dissemina em uma velocidade tão grande que pode se considerar de forma imediata. Quando surge, ele se divulga instantânea e internacionalmente, sem precisar passar por dentro da universidade. Quando descobriram a América, as universidades tiveram tempo para definir a Nova Geografia, antes de disseminá-la. Hoje não há essa intermediação. As coisas que são inventadas e descobertas chegam ao conhecimento público instantaneamente, por fora das redes formais de ensino. Essa é segunda razão da crise. Na primeira, perdemos velocidade na geração de conhecimento, nesta estamos perdendo velocidade na disseminação do conhecimento.

A terceira, talvez ainda um pouco ofuscada, é uma crise ética. Decorrente do fato de que o nosso produto, que sempre automaticamente serviu rumo a utopias, hoje serve também para construir distopias. A biotecnologia pode ser o vetor da utopia da saúde e da longevidade, ou instrumento para quebrar a semelhança entre

os seres humanos. Nesta era do Antropoceno, o poder do conhecimento é capaz de mudar até mesmo a realidade geológica, as características climáticas e biológicas das espécies. Isso exige uma ética reguladora, porque sem ela vamos caminhar para um conhecimento a serviço de uma parcela da população e usada em benefício dos ricos das gerações atuais, destruindo o que as próximas gerações deveriam utilizar.

Essas três razões exigem uma reflexão sobre o nosso papel e os novos caminhos, para novamente estarmos à frente do conhecimento e, ao mesmo tempo, voltarmos a ser o ponto de partida da disseminação do conhecimento, com valores éticos que permitam assegurar que seremos instrumentos de utopias, e não de distopias.

Soma-se a estes problemas o apego conservador da comunidade universitária que freia as mudanças de que a universidade precisa. Em alguns casos, os que pensam o novo são obrigados a sair da universidade para poder pensá-lo; ou criam espaços novos dentro da universidade, separados da estrutura tradicional. Porque a universidade reage aos novos padrões de universidade. Uma tese de doutorado leva quatro anos. Quando pronta, já está superada. O orientando tem que se adaptar ao orientador, logo é um pensamento velho. Novos temas surgem e não sabemos como adotá-los porque eles não se enquadram nos departamentos tradicionais; certos cursos ficam obsoletos, e não sabemos como aproveitá-los.

A universidade não se coloca na fronteira do futuro para pensá-lo; nem na fronteira da própria universidade para reestruturar-se.

Lembro-me da dificuldade que foi criar na UnB o departamento de Ciências da Computação, porque os professores da Estatística, da Matemática, da Engenharia Elétrica não queriam se juntar em uma nova área do conhecimento. Diziam que não existia Ciência da Computação, existiam Matemática, Estatística e Engenharia Elétrica. Foi duro transformar um grupo de professores de cada um desses departamentos em um departamento novo, que hoje é um dos mais promissores departamentos da UnB. Lembro a dificuldade dos professores da arquitetura em trocar a régua "T" pelo computador. Lembro também a dificuldade ainda existente para a adoção do ensino a distância.

Temos o costume medieval de aulas presenciais quando a necessidade de aula presencial, na maior parte dos cursos, já não se justifica. Hoje, o pensamento de um pesquisador pode chegar ao aluno sem passar por dentro do *campus*. Os atores de teatro foram contrários ao cinema, diziam que ele perverteria a arte da dramatização, que a dramaturgia exigia o contato processual entre ator e espectadores. Por isso, muitos atores não conseguiram dar o salto do palco para a tela. Imagine se, em nome da qualidade teatral, Charles Chaplin não pudesse ser ator de cinema. É isso que às vezes a gente faz ao recusar o uso das técnicas que permitem o ensino a distância. Às vezes, com o argumento de que diminui a qualidade. Nada indica que uma aula bem preparada para ser dada a distância tem qualidade inferior a uma aula presencial. Mas se for inferior, a saída não é impedir o uso da moderna técnica, mas encontrar formas de fazê-la melhor. Como foi feito no cinema. A aula pode ser planetária, como finalmente já praticam muitas das melhores universidades do mundo. As que se recusarem, vão sofrer a síndrome dos conventos.

Para livrar-se da síndrome dos conventos, voltar a ser vanguarda na criação e na divulgação de conhecimento e dar um rumo ético à universidade, sem impedir sua liberdade criadora, será preciso refundá-la.

Algumas Mudanças Convenientes

A primeira sugestão é trazer os novos temas para dentro da universidade. Isso tem uma dificuldade: em geral os novos termos não cabem em nenhum departamento isolado. Dentro de um departamento é possível fazer avançar a teoria sobre um tema, mas dificilmente é possível saltar para um novo campo de estudo.

A estrutura multidisciplinar é fundamental para trazer temas novos para dentro da universidade. A multidisciplinaridade é onde se formam os novos pensamentos, montando, como numa esquina, pensamentos variados do presente, gerando uma nova área do conhecimento para o futuro. Os núcleos multidisciplinares são o ber-

ção de novos conhecimentos. Mas, prisioneira dos departamentos, a universidade demora a adotar temas que exigem a complexidade da multidisciplinaridade.

Uma segunda sugestão é não esconder a obsolescência.

A velocidade com que o saber avança leva à morte conhecimentos tradicionais, e faz com que certos departamentos fiquem obsoletos. A Química abandonou a Alquimia. Hoje temos alguns cursos que estão tão superados quanto a alquimia, mas insistimos em mantê-los e a seus professores.

Por outro lado, há cursos que exigem cinco anos para formar um profissional, quando no computador já se consegue resolver os problemas para os quais ele foi formado. Não justifica continuar nesse esforço de pôr alguém para se formar em cinco anos, para fazer alguma coisa que está totalmente dentro da memória e dos sistemas de processamento de um computador.

A terceira sugestão é dar flexibilidade à duração dos cursos. Não se justifica demorar hoje o mesmo tempo que demorava antes para oferecer um curso cuja aprendizagem pode ser conquistada em tempo menor, graças ao uso do computador e de outras técnicas pedagógicas. Com o Google, o tempo para pesquisas bibliográficas que antes demoravam semanas ficou reduzido a minutos.

A quarta é fazer o ensino e a aprendizagem serem permanentes. Para um profissional se manter na vanguarda do conhecimento de sua área, é preciso que não pare seu curso até o último momento de sua carreira; e que se prepare para saltar de uma carreira a outra. Isso acontece todos os dias na Medicina. Um remédio é superado por outro, uma maneira de fazer cirurgia é superada por outra. Raramente foi na universidade que o médico aprendeu a usar seus equipamentos ou a receitar seus remédios, porque quando ele estudava na universidade não existia o equipamento ou o remédio. Em breve o “remédio” vai ser feito conforme a pessoa, de acordo com seu organismo pessoal; a engenharia genética vai substituir a farmacologia. Já não se trata de fazer avançar a farmacologia, trata-se de substituir a farmacologia. Ouvi uma psicopedagoga dizer que quase tudo que aprendeu no seu curso na universidade ficou supe-

rado depois do surgimento e da disseminação da internet e da telefonia celular. Não apenas criando novos problemas, mas formando um novo tipo de adolescente, que não existia nos livros e nas aulas em que ela estudou.

Não se trata mais de apenas fazer avançar o conhecimento em cada área, trata-se de fazer a ruptura com as próprias características do conhecimento. A crise ecológica vai exigir um novo conceito de economia, não apenas ajustes teóricos na ciência da economia.

Diploma não pode mais ser permanente. O saber e o conhecimento apodrecem mais depressa do que as comidas que compramos nos supermercados. Ninguém come uma comida que venceu o prazo de validade, mas vamos a médicos que, por causa de um diploma, continuam exercendo sua profissão, apesar de seu conhecimento já estar superado.

Uma quinta sugestão é conviver com novos conhecimentos dentro da universidade, e com diferentes conhecimentos fora dela. A universidade não pode ficar isolada; nem internamente, cada departamento como uma caixinha separada das demais, nem externamente em relação aos saberes que nascem fora.

Trazer preocupação ética é a sexta sugestão. Quando o mundo ia bem, e o poder do conhecimento era restrito ao presente e ao redor, não havia necessidade de ética para regular o uso do conhecimento, apenas para controlar o comportamento dos profissionais. O excesso de poder do conhecimento, e o impacto desse conhecimento poderoso em proporções catastróficas, estão exigindo uma ética reguladora. Há uma universidade por trás de cada arma de alta tecnologia. A catastrófica crise ecológica está sendo induzida pelo conhecimento que sai das universidades. A desigualdade social está provocando uma ruptura na identidade genética dos seres humanos que, além de desiguais socialmente, passarão a ser dessemelhantes moralmente e apartados biologicamente. Isso será produto da universidade, ao fazer avançar o conhecimento sem regulamentação ética.

Quem tem esse poder precisa de responsabilidade. O problema é como ter uma ética sem se submeter a ela no momento da produ-

ção de conhecimento. Um caminho é dividir o conhecimento: a área científica tem que ser totalmente livre, a área tecnológica tem de ser controlada eticamente. Enquanto a ciência descobria que $E=mc^2$, tudo estava bem, era um produto da epistemologia científica e da estética, não havia necessidade de uma ética. Quando se transforma em base para um produto da tecnologia do armamentismo nuclear, aí precisamos de uma ética que regule seu uso. Para evitar que a liberdade seja tolhida pela vontade política, o caminho é trazer a ética para ser discutida dentro da universidade.

Na Universidade Tridimensional, proposta na UnB em 1986, os Núcleos Culturais, ao lado dos Departamentos e dos Núcleos Temáticos, tinham como finalidade trazer o humanismo para dentro do *campus* e organizar o funcionamento de um Núcleo de Reflexão da Filosofia e da Ética.

É indecente e irresponsável formar hoje um engenheiro mecânico que não tenha uma formação ética consolidada. Isso vale para os químicos, para os médicos e todas as profissões das áreas tecnológicas. A ideia era que todo dia a universidade tivesse um texto para debater a ética relacionada a algum tema daquele momento.

Uma sétima sugestão é como não fugir das informações sem perder a formação. Estamos em um mundo com tanta informação que estamos sendo asfixiados por ela. O problema é como, nesse oceano de informação, fortalecer a formação.

A busca da qualidade é uma oitava sugestão à qual é preciso referir-se, apesar de óbvia. Não merece o nome de universidade a instituição sem qualidade. Sem mérito acadêmico, a universidade é como uma seleção de futebol em que os jogadores são escolhidos por sorteio. Mas, em um tempo de transição, é preciso qualificar a qualidade. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) tem sido fundamental na construção da qualidade universitária, mas ela exerce uma ditadura do conceito de qualidade. Sem as avaliações da Capes, a qualidade desaparece sob o manto de antimeritocracia das corporações; mas, submetida a um padrão antigo, a qualidade está superada.

A nona sugestão é a reforma no conceito de estabilidade. A es-

tabilidade não deve ser plena, ela tem que ser responsável, subordinada a avaliações. É preciso estabilidade do professor em relação ao estado, ao prefeito, ao governador, ao reitor, mas é antiuniversitária a estabilidade plena que garante o emprego, mesmo quando o professor não se prepara, não continua estudando, não dá aula, não cumpre seu papel. Essa é uma estabilidade irresponsável. A estabilidade deve ser em relação ao Estado e à política, não em relação aos propósitos maiores da universidade.

Uma décima sugestão é a busca de autonomia socialmente comprometida. Para criar, a universidade precisa ser livre, precisa de autonomia em relação ao Estado. Mas essa autonomia não deve permitir a construção de um muro separando a universidade do resto da sociedade e dizer que esse resto não interessa. A autonomia deve ser comprometida socialmente.

Reentender o conceito de democracia, quando exercida no espaço universitário, é a décima primeira sugestão. A democracia da gestão da universidade por meio da comunidade foi uma grande conquista, mas ela está amarrando, em vez de libertar, porque foi apropriada por partidos e por interesses de grupos. É preciso encontrar uma maneira de, sem cair no autoritarismo, impedir a ditadura egoísta, arrogante anti-humanista, antipopular e antipatriótica do corporativismo.

A alma da universidade exige avaliação permanente de seus resultados. É preciso, e esta é a décima segunda sugestão, estabelecer com vigor uma auditoria acadêmica, avaliando a instituição na medida em que ela cumpre seu papel, como usina de novos saberes. Porque se ela se torna um mero depósito de velhos saberes, perde a razão de ser, como aconteceu com os conventos na Idade Média.

A Cadeia do Conhecimento

O mais importante passo para enfrentar o desafio atual da universidade é combinar conhecimento universitário com educação básica. É triste ver a luta da universidade para melhorar endogenamente, como se ela pudesse melhorar sem melhorar a educação

básica. Ainda pior, submetendo essa melhoria endógena à necessidade de mais recursos financeiros. Nenhuma universidade é boa se seus alunos não são bem preparados, e esse preparo ocorre na educação básica. Ela se diminui, se apequena, cada vez que um adolescente abandona a escola. E não ocorre plenamente se desperdiçamos cérebros. Cada aluno que abandonou a educação básica teria sido um potencial aluno brilhante na universidade.

É preciso casar conhecimento universitário com educação básica. Só temos hoje 40% terminando o Ensino Médio, destes a metade apenas está perto de merecer entrar numa universidade de qualidade. Mas, em vez de melhorar a qualidade da educação básica, o que temos feito é aumentar o número de universitários, puxando a qualidade para baixo. Nos adaptamos à falta de qualidade na educação básica, em vez de elevar sua qualidade para chegarmos ao que deveria ser uma universidade de qualidade. Por olhar apenas para dentro, a universidade não tem se preocupado com a educação básica, e caminha para sua perda. Pode virar o convento do século XXI, por falta de cérebros com a qualidade e o número que a população oferece biologicamente, mas a escola não oferece intelectualmente.

E para não desperdiçar nenhum cérebro que melhoraria a universidade, é preciso que a qualidade chegue a toda criança, sem exceção.

A Mutação Universitária

Se queremos agir para o futuro,   preciso assumir todo conhecimento como provisório. Inclusive o conhecimento da universidade, seu papel, o conceito de si, sua estrutura. Tudo que sabemos   provisório, está em fase de muta o, e se o conhecimento está em muta o rápida, a institui o onde ele   criado tem que estar em muta o também. Daí a minha satisfa o de estar aqui com vocês para debater o futuro da universidade, pedindo que, se querem falar do futuro, assumam que ela não está bem, e não   apenas uma questão de falta de dinheiro. Vale para a universidade o mesmo que para a

educação básica: se um dia chover dinheiro no quintal das escolas, ele vai virar lama na primeira chuva. Temo que chova dinheiro nos *campi*, porque se a gente não souber aplicar esse dinheiro, ele vira lama. E o pior é que vira lama nos acomodando, atolados nela, sem percebermos que nossos fundamentos estão ameaçados.

